

Denominações para “mulato” no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul: aspectos léxico-culturais

Denominations for "mulatto" in the Linguistic Atlas of Mato Grosso from Sul: lexical-cultural aspects

Adriana Pereira Santana* 

RESUMO: Este trabalho analisa, sob as perspectivas léxico-semântica e cultural, as unidades lexicais registradas na Carta QSL 0237.a - mulato. do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul – ALMS (2007) como denominação das “pessoas que têm a pele pouco escura porque só a mãe ou só o pai é negro”. Para a execução do estudo, foi traçado o seguinte percurso metodológico: definição da fonte e do *corpus*, seguido da consulta ao ALMS e respectivo levantamento dos dados lexicais cartografados. Na sequência, os dados foram quantificados e organizados para posterior análise sob a ótica da Teoria Lexical e da Antropologia Linguística. O universo de dados catalogados reuniu unidades léxicas como *moreno*, *mestiço*, *pardo*, *negro*, *misto*, *tostado*, *bugre*, *caboclo moreno*, *morena canela*, *café com leite*, *meio branco*, *preto*, *mameluco*, *bugre*, totalizando 21 itens lexicais. O registro da forma lexical *moreno claro*, com 7,81% de ocorrência, por exemplo, indica que o uso de um termo considerado amenizador (*moreno*) é reforçado por outro (*claro*), com maior carga suavizadora. Pela análise realizada, depreende-se, que tais unidades, já constituintes do repertório lexical dos falantes sul-mato-grossenses, além de

ABSTRACT: This paper analyzes, under lexical-semantic and cultural perspectives, the lexical units registered in the Letter QSL 0237.a – *mulatto*. of the Linguistic Atlas of Mato Grosso do Sul–ALMS (2007) as a designation of “people whose skin is not very dark because only the mother or the father is black”. For the execution of the study, the following methodological path was followed: definition of the source and *corpus*, followed by consultation of the ALMS and respective survey of the mapped lexical data. After that, the data were quantified and organized for further analysis under the Lexical Theory and Anthropology Linguistic perspectives. The universe of catalogued data gathered lexical units such as *moreno*, *mestiço*, *pardo*, *negro*, *misto*, *tostado*, *bugre*, *caboclo moreno*, *morena canela*, *café com leite*, *meio branco*, *preto*, *mameluco*, *bugre*, totaling 21 lexical units. The register of the lexical form *moreno claro*, with 7,81% of occurrence, for example, indicates that the use of a term considered soothing (*moreno*) is reinforced by another (*claro*), with greater softening load. From the analysis undertaken, it might be deduced that such units, already part of the lexical repertoire of speakers from Mato Grosso

* Doutoranda. Pós-Graduação em Estudos de Linguagens/UFMS. profdrlica@yahoo.com.br

nomearem o tipo humano descrito pela pergunta, passaram a indicar representações sociais, o que desembocou em traços de apropriação cultural. A análise demonstrou aspectos da relação existente entre fatores linguísticos e extralinguísticos, no conjunto vocabular dos informantes sul-mato-grossenses examinado, validando o argumento de que a língua constitui ferramenta dinâmica da cultura local e que a norma linguística, particularmente a lexical, expressa aspectos significativos, relacionados aos valores veiculados pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Mulato. Léxico. Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul. Língua. cultura.

do Sul, in addition to naming the human type described by the question, started to indicate social representations, which resulted in traces of cultural appropriation. The analysis demonstrated aspects of the existing relationship between linguistic and extralinguistic factors in the vocabulary of the Mato Grosso do Sul informants examined, validating the argument that language is a dynamic tool of local culture and that the linguistic norm, particularly the lexical, expresses significant aspects related to the values conveyed by the society.

KEYWORDS: Mulatto. Lexicon. Linguistic Atlas of Mato Grosso do Sul. Language. Culture.

1 Introdução

Buscar entender a história de uma língua implica enveredar por um sistema complexo que requer, antes de tudo, a compreensão do papel do homem em relação à organização dessa língua. Ao observar a estruturação constitutiva da língua deve-se também considerar a ação humana, surge a necessidade de analisar a história cultural envolvida nesse processo (Casado Velarde, 1991), ou seja, a cultura, a linguagem e a língua mantêm uma estreita relação. Contudo,

[...] não existe uma relação simplesmente determinada e inevitável. Na história da língua não existe uma determinação previsível e obrigatória. O homem mantém sua liberdade, sua preferência e decisões [...] O problema está no ao provar a interdependência que existe na maioria dos casos na escassez de dados [...] isto nos obriga a manter-nos prudente, a não tirar conclusões precipitadas, e deve-se respeitar o livre arbítrio do homem, a espontaneidade e a livre vontade existente no uso da linguagem (Christmann, 1995 *apud* Casado Velarde, 1991, p. 21).

A não determinação e não previsibilidade da linguagem é temática recorrente em variadas áreas; nos primeiros estudos sobre o fenômeno linguístico no interior do campo da Psicologia, por exemplo, defendia-se que a linguagem, quando apropriada pelo ouvinte, transformava-se em pensamentos e, quando esse passava ao papel de informante, transformava o pensamento em linguagem, o que possibilitava a comunicação de ideias.

Souza (2005), por sua vez, pondera que é preciso compreender os sistemas linguísticos e documentar o seu uso em atividades que sempre procuram o tecido cultural dentro dos quais são produzidos enunciados e sentidos. Neste texto estamos entendendo tecido cultural como sinônimo de cultura oriunda da conquista ou colonização em que dominante e dominado falam ou se calam perante as lutas de poder, em que toda uma prática social se construiu e se constrói (Gomes, 2008). Assim, o estudo histórico de um fato ou de elementos da linguagem implica analisar uma realidade social na qual foi pensada, pois,

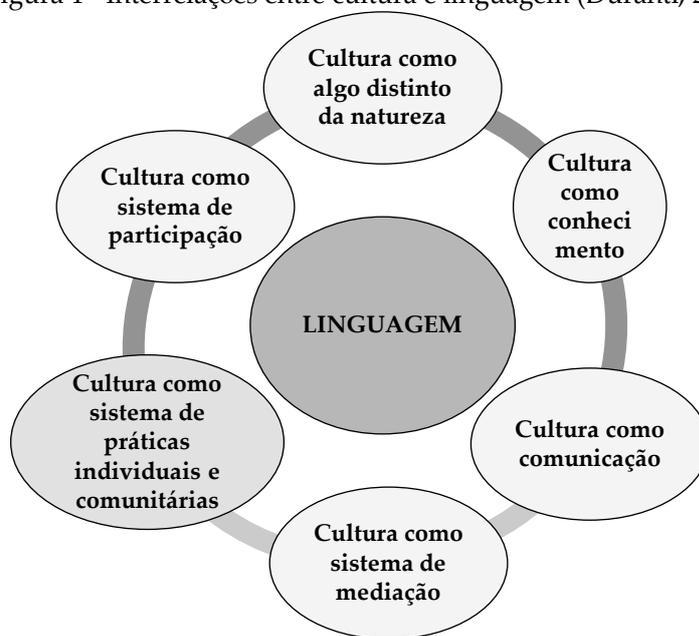
[...] as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar (Chartier, 2002, p. 17).

Dessa maneira, perceber a constituição social e a influência da cultura possibilita compreender o papel da política nas ações sociais, bem como identificar traços dos pensamentos político e social, na constituição de uma realidade.

Segundo os princípios norteadores da Antropologia Linguística, ramo da Antropologia que busca elementos em outras ciências que lhe possibilitam estudar o sujeito e os significantes utilizados para representar as ideias que compõem o significado dos símbolos (Duranti, 2000), a linguagem deve ser entendida como prática cultural; a esse respeito, o mesmo autor, explicita seis aspectos da cultura que possuem

estreita relação com a linguagem, também denominados teorias da cultura, as quais podem ser visualizadas na figura 1, a seguir:

Figura 1 - Interrelações entre cultura e linguagem (Duranti, 2000).



Fonte: elaborada pela autora.

A cultura como algo distinto da natureza refere-se ao que é aprendido e transmitido, de geração em geração, por intermédio da comunicação linguística, enquanto a cultura como conhecimento ultrapassa os limites da herança cultural, relaciona-se a uma perspectiva cultural cognitiva. A cultura como comunicação, por seu turno, apresenta em seu bojo, conexão com diversos contextos sociais. Outro aspecto apresentado pelo teórico é a cultura como sistema de mediação, tendo como um dos principais elementos dessa mediação a linguagem. Há, ainda, a cultura como sistema de práticas individuais e comunitárias e, por fim, a cultura como sistema de participação, em que a comunicação linguística exerce papel preponderante no processo de construção e apropriação, de fato, da linguagem como prática cultural (Duranti, 2000, p. 47).

A mescla dessas teorias contribui para o entendimento do complexo fenômeno que é a cultura, formando, a partir daí, um mosaico de suportes para a compreensão da língua como ‘ferramenta viva’ dessa cultura.

Sob essa ótica, a Antropologia Linguística possibilita abordar temas tais como a política de representação, a constituição da autoridade, a legitimação do poder e das bases culturais do racismo e do conflito étnico, o processo de socialização, a construção cultural da pessoa (ou do indivíduo), as políticas da emoção, a relação entre o ritual da ação e as formas de controle social, o domínio específico do conhecimento e a cognição, o fazer artístico e as políticas de consumo estético, o contato cultural, a troca social, entre outras temáticas (Duranti, 2000, p. 22). A partir desse viés, infere-se que um traço de importância para o estudo da língua é o fato de ela se constituir um expressivo caminho para a compreensão da cultura e da sociedade, observando seus valores, crenças e as relações de poder que são estabelecidas durante os contatos sociais.

O uso de uma língua para comunicação das produções literárias, culturais e noticiárias guarda traços de uma cultura e configura a identidade de um povo, o que é tão marcante e significativo que, na história da civilização, há relatos de povos que sucumbiram aos invasores, desaparecendo por completo, haja vista que, gradativamente, as novas gerações se esqueceram da cultura dos antepassados e adotaram a do suposto invasor.

Analisar a importância de uma língua no sistema social pode conduzir à construção de um panorama da sociedade, bem como delinear que práticas culturais predominaram nos primeiros vilarejos. Assim, consultando as páginas referentes aos históricos dos municípios, obras sobre a história de Mato Grosso do Sul e consequente colonização nos diferentes rincões do Estado, pode-se encontrar indícios do ‘embrião’ de cada município e características dos primeiros moradores, bem como a cultura arraigada, pela vivência, nas localidades de origem.

À vista disso, Viñao (2008) discorre que a cultura conduz à produção de um ‘raio x’ da sociedade, razão pela qual uma análise documental possibilita verificar indícios da cultura social presentes nos vilarejos nos diferentes períodos de sua história, bem como analisar diferenças sociais, econômica e política neles existentes. No intuito de identificar esse ‘raio x’ cultural, o autor apresenta a noção de *habitus*, entendido como um processo de interiorização dos sujeitos que compõem um campo, no qual detecta as tradições e rotinas sociais. Essas tradições e rotinas refletem fatos sociais, políticos e culturais, os quais determinam a linguagem que se constituiu a partir da tradição dos grupos que formam as localidades. Segundo Bourdieu (1989), o *habitus* é um tipo de sentido do jogo científico que impulsiona a fazer o que deve ser feito no momento correto, sem ter ocorrido explicações de como fazer. Ele configura o *modus operandi* que funciona, na prática, de acordo com as normas da ciência, mesmo sem estar estabelecida inicialmente.

Neste artigo tomamos a língua, suas estruturas e o seu léxico, como resultado de uma cultura que, a partir das rotinas e tradições, construiu expressões que refletem fatos sociais, políticos e culturais que se relacionam à sua constituição. Dessa forma, a língua e a linguagem configuram um *modus operandi* que seguem regras de uma ciência e que precisa ser desvelada a partir dessas normas científicas. Na próxima seção são discutidas algumas questões teóricas sobre o léxico, dentro de um panorama cultural.

2 Léxico

Há um reconhecimento crescente por parte das diferentes correntes linguísticas de que a língua seja um norte cada vez mais aceitável no estudo científico de determinada cultura. Os elementos que compõem o patrimônio cultural de uma civilização estão presentes e sinalizados na língua veiculada por essa civilização. Segundo Isquierdo (1996, p. 27),

[...] toda língua se sustenta, se mantém e funciona numa sociedade. Em razão disso, não há como pensar a língua sem considerar o elemento social. Como instituição social, serve para concretizar o intercâmbio de ideias e a interação entre os membros de uma sociedade; como elemento produtor e veiculador de cultura, a língua se define como uma atividade cultural, pois reflete a cultura de grupo que representa e é, também, parte significativa dessa mesma cultura.

Sapir (1961, p. 20), por seu turno, concebe a língua como um direcionamento para a realidade social, pois, o ser humano é dependente da língua que se tornou o meio de expressão de seu grupo social. Na prática, o mundo se constrói, de forma inconsciente, em grande parte, pelos princípios linguísticos de determinado grupo.

O léxico é o nível linguístico responsável por nomear e representar o repertório vocabular de uma sociedade, por isso a ele estão relacionados a história, a tradição, os feitos e os costumes de um povo, assumindo, assim, uma configuração processual de alteração e expansão, não podendo ser considerado pronto, mas como um nível linguístico dinâmico. O léxico, dada a sua amplitude, também se associa a outros diferentes níveis da linguagem: fonético, fonológico, morfológico, sintático e semântico. Assim, é possível pensar em uma relação de intermediação entre o nível lexical e os demais níveis da língua, relação essa que envolve de maneira direta o ambiente sociocultural e físico daqueles que o empregam; logo, infere-se que é o nível lexical que mais oferece pistas sobre a explicação da visão de mundo de uma época.

É sabido que, no campo da ciência linguística, duas importantes fontes para a documentação do léxico regional são os dicionários regionais e os atlas linguísticos, pois os registros nessas fontes não acontecem de maneira aleatória, ao contrário, são estabelecidos e definidos a partir de critérios metodológicos rigorosos, a fim de “captar”, além do acervo vocabular, o máximo possível, de características histórico-culturais do vocabulário de um grupo social.

A seguir, tecemos considerações acerca da estrutura do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul – ALMS do qual foi selecionada a carta-base QSL0237.a de onde foi extraído o corpus examinado neste estudo.

3 Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul – ALMS: estrutura

A finalidade principal dos atlas linguísticos é documentar a heterogeneidade das manifestações da língua em uso num espaço geográfico, valorizando, assim, características da variedade linguístico-cultural da área investigada. Nessa perspectiva, o projeto do ALMS, na sua gênese, buscou os seguintes objetivos: i) conhecer os diferentes traços linguísticos da linguagem falada de Mato Grosso do Sul; ii) proceder ao levantamento do perfil cultural da realidade sul-mato-grossense, juntamente com o conhecimento dos fatos fundamentais da linguagem falada; iii) contribuir para a implantação de práticas metodológicas condizentes com a situação linguística do educando de Mato Grosso do Sul, no que diz respeito ao ensino/aprendizagem da norma culta, nas escolas; e, iv) fornecer subsídios para o estabelecimento de uma rede de pesquisas linguísticas, tanto do ponto de vista dialetológico quanto sociolinguístico (Nogueira; Isquierdo, 2005, p. 238-239).

O Questionário Linguístico que orientou as entrevistas para o levantamento dos dados que subsidiaram a produção do ALMS reúne 557 perguntas, distribuídas em dois tipos de questionários: i) Questionário lexical (510 perguntas) e b) Questionário Fonético-fonológico (46 perguntas) e uma narrativa: “Conte um fato de sua infância de que nunca se esqueceu até hoje”. As questões do Questionário lexical foram distribuídas em duas grandes áreas semânticas: natureza e homem. O campo natureza compreende as seguintes áreas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, tempo, flora e fauna; enquanto o campo homem contempla as áreas do corpo humano, doenças mais comuns, funções do corpo humano, características físicas do homem, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, vestuário e objetos de uso pessoal, alimentação e utensílios, habitação, trabalho, atividades agropastoris brinquedos e

diversões, sistema de pesos e medidas, superstições, simpatias e lendas. Os dados discutidos neste texto vinculam-se à área cultura e convívio (pergunta 237¹).

O Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul – ALMS (Oliveira, 2007), publicado em volume único, reúne 47 cartas fonéticas, 153 semântico-lexicais e sete morfossintáticas. O perfil dos informantes considerou as variáveis sexo (masculino e feminino), idade (18 a 30 anos e 40 a 70 anos), grau de instrução (analfabetos ou com escolaridade até a 4^a série do Ensino Fundamental) e naturalidade (nascidos e criados na localidade). A rede de pontos do ALMS foi constituída de 33 localidades, 29 sedes de municípios de todas as regiões do Estado, um distrito, além de três pontos da área rural: os Pantanaís da Nhecolândia, do Paiaguás e Nabileque. Em cada localidade foram entrevistados quatro informantes, resultando num total de 128 entrevistados.

O ALMS fundamentou-se nos princípios da Dialetoлогия pluridimensional, tendo também se beneficiado de orientações metodológicas dos projetos ALESP² (Atlas Linguístico do Estado de São Paulo) e ALiB³ (Atlas Linguístico do Brasil). Está em sintonia com as tendências atuais da Dialetoлогия em termos de pluridimensionalidade, uma vez que as cartas, além da dimensão espacial, contemplam informações de natureza diasssexual (masculino e feminino) e diageracional (duas faixas etárias) (Nogueira; Isquierdo, 2005, p. 231-248).

¹ QSL 237 - E as pessoas que têm a pele pouco escura porque só a mãe ou só o pai é negro? _____ (“mulato”)

² O questionário do Atlas Linguístico do estado de São Paulo – ALESP, foi publicado em 1983, e teve o professor Pedro Caruso como coordenador da equipe de pesquisadores. O questionário do ALESP contou, a título de sondagem inicial, com 50 questões respondidas por docentes de escolas públicas do estado de São Paulo, na década de 1980. (582 municípios). Na versão final, o questionário totalizou 317 perguntas, além de um “Guia de Perguntas,” ambos os instrumentos testados diversas vezes pela equipe de inquiridores (Caruso, 1988, p. 189-190). Infelizmente, o produto do ALESP não foi publicado em decorrência de problemas de saúde do coordenador e de contingências várias em termos de continuidade do projeto pelo novo coordenador.

³ COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. Atlas Linguístico do Brasil: Universidade Federal da Bahia. <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 20/02/2022.

O tópico, a seguir, além de apresentar o corpus em análise, ou seja, as denominações para “mulato” no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, analisa os dados lexicais catalogados.

4 Apresentação do *corpus* e análise dos dados

A tabela 1 reúne os dados lexicais registrados na carta de número 023 do ALMS que foram fornecidos pelos informantes como resposta para a pergunta 237 do Questionário Lexical do Atlas e os respectivos percentuais alçados pelas formas lexicais documentadas. Na sequência, são realizadas análises pontuais das denominações mais representativas no *corpus*⁴:

Tabela 1 - Denominações para “as pessoas que têm a pele pouco escura porque só a mãe ou só o pai é negro?” no Estado de Mato Grosso do Sul.

Denominação	%	Denominação	% ⁵
moreno(a)	41,41	capixaba	0,78
mulato(a)	14,06	mameluco	0,78
moreno(a) claro(a)	10,93	meio branco	0,78
mestiço	3,91	misto	0,78
branco	2,34	morena canela	0,78
negro	2,34	moreninha	0,78
pardo(a)	2,34	negro russo	0,78
crioulo	1,56	negro-aço	0,78
bugre	0,78	preto	0,78
caboclo	0,78	tostado	0,78
caboclo moreno	0,78	RNP	7,03
café com leite	0,78	RP6	3,13

Fonte: elaboração da autora, com base na Carta QSL.0237^a do ALMS.

⁴Na carta QSL 0237.a - mulato. do ALMS figuram os registros na variante fonética dos informantes. Para este texto, foram feitos agrupamentos e somados os percentuais de ocorrência, considerando o registro padrão da língua.

⁵ O percentual 0,78 sinaliza resposta única, registrada na carta QSL 023.a – mulato, sendo duas respostas fornecidas por mulher da 1^a faixa etária (bugre, morena canela), duas por homem da 1^a faixa etária (café com leite, negro russo), três por mulheres da 2^a faixa etária (caboclo, caboclo moreno, moreninha) e sete por homem da 2^a faixa etária (capixaba, mameluco, meio branco, misto, negro aço, preto e tostado).

⁶ As siglas RP e RNP podem corresponder, respectivamente, a “resposta prejudicada” e “resposta (sic) não perguntada” – siglas semelhantes são usadas no ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS), uma possível referência para o ALMS, com significados semelhantes: RP = resposta prejudicada, e NP = não perguntado (Castro, 2013).

As denominações fornecidas pelos falantes sul-mato-grossenses para denominar “as pessoas que têm a pele pouco escura porque só a mãe ou só o pai é negro” carregam muito dos traços linguísticos dos locais de origem dos primeiros moradores das cidades. Em algumas das localidades que compõem a rede de pontos do ALMS, pela experiência com a escravatura, muitos elementos do trato social permaneceram por meio da divulgação dos costumes e cultura constituída e transmitida de pai para filho, ou seja, tratamento que se encontra no âmbito da primeira concepção de cultura, apontada por Duranti (2000).

A primeira denominação a ser analisada é *moreno*, que alçou 41,41% de ocorrências no *corpus* e que, segundo Caldas Aulete (2006), é um termo de origem castelhana na acepção de “pessoa de pele, ou parte do corpo, cuja cor é acastanhada, por efeito do sol ou por natureza (rosto moreno)”. Essa forma lexical foi citada por 45 informantes de ambos os sexos e das duas faixas etárias. Na primeira faixa etária, 13 homens e 11 mulheres informaram a unidade léxica *moreno*. Esse discurso demonstra indícios de uma cultura hispânica intrínseca na fala, tanto da primeira, quanto da segunda faixa etária, tendo em vista aspectos de natureza histórico-geográficos, que envolvem os falantes do estado de Mato Grosso do Sul e os falantes dos países vizinhos Bolívia e Paraguai, demonstrando uma influência linguístico-cultural, por meio do vocabulário. O item lexical *moreno* está integrado no léxico do português do Brasil, inclusive registrado no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP.

No que tange à predominância da linguagem nas ações sociais, conforme Duranti (2000), ela atua como condição e resultado da interação social. Nesse sentido, pode-se considerar a linguagem também como resultado dessa interação nas comunidades fronteiriças com os países de língua espanhola, acrescido do fato característico de fronteira seca, isto é, basta atravessar uma rua de um lado para o outro que já se adentra no país vizinho; o que favorece o grande contato e a sedimentação de palavras adotadas dessa cultura.

Cabe aqui destacar o fato de que nenhum discurso é neutro, pois todos produzem uma prática que irá influenciar tanto social quanto politicamente, bem como a tendência a definir uma autoridade à custa de outras, por ela menosprezada, legitimando um projeto reformador que, por vezes, justifica a imposição (Chartier, 2002).

O cuidado em reforçar a divisão social sem, no entanto, estar explícito no discurso, aparece em outras respostas, como na segunda forma lexical mais frequente *mulato* que, conforme Caldas Aulete (2006), denomina a “pessoa que tem descendência negra e branca”, contudo, são registradas como pardo nos questionários governamentais, como os do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o que pode soar como uma tentativa de camuflar uma situação muito comum no período da escravidão.

O termo *mulato* foi indicado por 10 informantes, sendo sete da primeira faixa etária e três da segunda. O menor número na segunda faixa, quando comparado com os números da primeira, indica que, possivelmente, a denominação *mulato* não é muito expressiva na cultura dos informantes mais jovens; sinaliza, ainda, que o uso do termo foi substituído por *moreno*, o que sinaliza para uma mudança de traço cultural, mas não apaga a condição do uso da linguagem também como elemento disseminador do preconceito.

Segundo Poel (2013, p. 672), *mulato* vem “[do português “mula”] “filho de pai branco e mãe negra ou de mãe branca e pai negro, tal base etimológica expressa desqualificação; o *mulato* seria algo inacabado, estéril, uma mistura indesejável”. Denominar uma pessoa de *mulato* também traz a noção de mistura, comprometendo a ideia de uma sociedade em que todos têm a mesma cor de pele, fato que historicamente foi motivo de guerra mundial. A Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana (Lopes, 2004, p. 457) apresenta as seguintes informações sobre o uso da unidade lexical *mulato*:

Mestiço de branco e negro, em qualquer grau de mestiçagem. Nas Antilhas e na Guiana Francesa, a classificação de mulâtres (“mulatos”) se aplicava, outrora, especificamente às gens de couleur livres. Ao contrário do que ocorreu nos tempos coloniais, quando, em geral, os mulatos eram portadores de reivindicações específicas, o século XX assistiu, em todas as Américas, à reversão dessa tendência, com parcela significativa desse segmento incorporando-se, na luta contra o preconceito e a discriminação, à grande comunidade dos afrodescendentes. No Brasil, parte da militância negra rejeita o termo “mulato”, por suas supostas origens etimológicas, tidas como ligadas a “mulo”, em comparação com as origens híbridas desse animal.

Pode-se perceber que, por tratar-se de temática polêmica, não existe e nem se pode buscar ponto de vista único, pois os sentidos, as acepções, as informações passam por transformações ao longo do tempo.

Já os sul-mato-grossenses que mencionaram *moreno* (41,41) e *mestiço* (3,91) demonstram uma representação do imaginário popular, em que

[...] a cor da pele no Brasil é colada e atrelada à imagem de raça produzida pela ciência moderna. Dentro dessa lógica, quanto mais escura a cor da pele de um indivíduo, mais perto da ideia de raça negra estereotipada e estigmatizada pelo racismo moderno ele está localizado, e quanto mais perto da cor de pele branca, mais status e privilégios ele ganha (Schucman; Fachim, 2016, p. 184).

Depreende-se que esse tipo de discurso guarda elementos de uma conduta social oriunda das condições geradas a partir da escravatura, o que demonstra que, mesmo passado muito tempo, a sociedade ainda mantém traços de uma sociedade escravocrata na qual o poder cabe e é destinado a uma classe social; e mais, quando alguém tenta galgar algum degrau do poder ainda será tratado como se estivesse na condição dos seus antepassados. Schucman e Fachim (2016), em sua pesquisa com famílias mestiças, identificou que essas guardavam os traços de um racismo como fruto das condições sociais. Nessa mesma direção, Santos (2005) chama a atenção sobre a classificação racial nos séculos XVIII – XIX, em que

[...] o questionamento sobre como definir as “pessoas de cor” tornou-se uma indagação recorrente, na medida em que a classificação do cotidiano associada às representações sobre mistura “racial” tornou-se uma espécie de calcanhar de Aquiles brasileiro. (Santos, 2005, p. 116).

O fato de o falante expressar-se por meio da forma lexical *mestiço* também pode estar atrelado a questões de exclusão social. Segundo Lopes (2004), o mito da democracia racial disseminou a ideia de que, no Brasil, a discussão da identidade negra careceria de sentido, por ser este um país essencialmente mestiço. Essa ideia vem, historicamente, dificultando a percepção social quanto ao racismo brasileiro, dificultando políticas públicas que resgatem os afrodescendentes dos bolsões de miséria e barrando seu acesso às esferas privilegiadas da sociedade.

Conforme Poel (2013, p. 638),

[...] mestiço refere-se a filho de diversas raças: índios, brancos, negros e muitos outros, que chegaram mais tarde. O termo define uma característica importante e própria da história e da cultura do povo brasileiro. A mestiçagem é importante para a compreensão do que vem a ser a brasilidade. A partir da integração entre as raças, surge a identidade. Consoante Vainfas (2000), a temática mestiçagem está em voga, no Brasil, desde o século XIX. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1840, lançou o concurso: como se deve escrever a história do Brasil”; a escrita campeã versava sobre a miscigenação entre o branco, o índio e o negro como o principal aspecto para se compreender a formação histórica do povo brasileiro.

Ressalta-se dessa forma que a brasilidade está relacionada à identidade nacional, pois na sua raiz está a herança indígena, acrescida de outros contribuintes com os portugueses e os afrodescendentes, portanto, numa referência à brasilidade, há uma referência direta e concomitante à mestiçagem (Poel, 2013).

Nesse contexto, convém destacar que a diversidade biológica trouxe consigo a complexidade da diversidade cultural, à medida que se tratava não apenas de grupos físicos, mas também de grupos étnicos, pois a convivência com tantas diferenças,

teoricamente, prejudicaria a formação da unidade nacional, a constituição de um povo e de uma nação (Munanga, 1996).

Já a forma lexical *negro* é citada no corpus com 2,34 % de ocorrência; Caldas Aulete (2006) registra a seguinte acepção para essa unidade: “a cor do carvão, do piche, do ébano; preto”; “indivíduo de pele escura”; “escuridão, trevas”, enquanto para Lopes (2004), negro é a denominação genérica do indivíduo de pele escura e cabelo encarapinhado, em especial dos habitantes da África e seus descendentes nas Américas e na Ásia meridional; descendente de africano, em qualquer grau de mestiçagem. No Brasil, o item lexical *negro*, que durante muitos anos foi sinônimo de “escravo”, passou, com o tempo, a se configurar como um termo com conotação étnica e política, utilizado com a conotação de autodenominação inclusive pelos afrodescendentes de pele clara.

Ainda para Lopes (2004, p. 473)

Nos Estados Unidos, a conotação negativa ainda acompanha o qualificativo negro e sua equivalente *nigger*, altamente ofensiva. Assim, lá os afrodescendentes reivindicam para si o tratamento de *African Americans* (afro-americanos), a exemplo de outros grupos, como os judeus-americanos, ítalo-americanos, hispano-americanos etc., cujas origens étnicas foram agregadas às respectivas definições de nacionalidade. No espanhol platino, o item lexical negro designa o habitante do interior ou o trabalhador braçal.

Enquanto para Poel, a palavra negro

passou a indicar o africano em geral, a partir da chegada dos portugueses à África. Havia muitos povos diferentes que inicialmente eram chamados pelo nome próprio; mais tarde surgiram os termos “homens pardos”, “homens pretos” e vermelhos. Certo é, que com o desenvolvimento do tráfico todos os africanos e seus descendentes passaram a ser chamados de “negros” (Poel, 2013, p. 690)

A unidade léxica *crioulo* (1,56%), quando se refere a pessoas, remete ao “indivíduo de ascendência europeia nascido nas Américas”, conforme Figueiredo (1987, p. 406). No Brasil, em geral, usado tanto de forma pejorativa, como carinhosamente, o termo, na atualidade, designa genericamente o negro, de qualquer pigmentação, enquanto no passado nomeava exclusivamente o brasileiro filho de pai e mãe negro-africanos. Também pode ser empregado com referência a línguas; o termo nomeia um falar de vocabulário basicamente europeu, mas com sistema gramatical de base africana (Lopes, 2004, p. 215).

O item lexical *branco*, com 2,34% de ocorrências, por sua vez, pode denotar traços de uma preocupação em dar ênfase na cor considerada de maior prestígio social, bem como a tentativa de exclusão e silenciamento da cor explicitada na própria pergunta do questionário. Caso semelhante acontece com a forma *moreno claro*, com 10,93% de ocorrências, em que o uso de um termo considerado amenizador (*moreno*) é reforçado por outro (*claro*), com maior carga suavizadora.

Chama a atenção o registro da unidade léxica *capixaba*, com 0,78% de participação nas respostas. Em Houaiss (2009), além do registro da acepção “relativo a Vitória – ES ou que é seu natural ou habitante”, há, também, a remissiva “ver sinonímia de bandido”, unidade léxica definida pelo mesmo dicionário “como indivíduo que pratica atividades criminosas, derivação, por extensão de sentido: pessoa com sentimentos ruins”.

O uso da forma lexical *capixaba* para nomear o conceito em causa pode ser indício de conotação negativa para identificar a pessoa que têm a pele um pouco escura porque só a mãe ou só o pai é negro. Ainda, Ferreira (2010), registra *capixaba* remetendo, em uma das acepções a cangaceiro que, por sua vez é definido como “bandido do sertão nordestino, que andava sempre fortemente armado”.

No que se refere à unidade léxica *pardo*, Poel (2013) assinala que na documentação colonial o termo *pardo* geralmente indica negro ou mulato livre, nascido no Brasil, o que também denota uma condição social. O autor registra, ainda,

que na região Nordeste a forma lexical *pardo* denomina também descendentes de índios e portugueses, enquanto no restante do país, *pardo* é nome atribuído a indivíduos de origem negra.

Com relação às demais denominações registradas na Carta QSL 023.a - mulato. do ALMS, *misto*, *tostado*, *negro russo*, se por um lado explicitam a forma de pensar dos informantes, por outro, tendem a camuflar e disfarçar traços da real miscigenação existente na sociedade brasileira. Bourdieu (1989), ao tratar dessa questão, argumenta que a detenção do conhecimento propicia a definição de poder sobre aqueles que não têm o domínio do conhecimento, assim reforça a cultura difundida e sedimentada por anos na sociedade. No âmago dessa cultura difundida, situa-se também o racismo que, no caso do Brasil, é oriundo da estratificação social surgida com a abolição da escravatura e da integração dos povos indígenas à vida da sociedade.

A história de uma localidade e seus habitantes comumente traz elementos interconectados aos campos político, econômico, social e educacional, os quais configuram ações dos partícipes de uma sociedade que, a todo momento, agem, deixando traços de um pensar político e cultural. Assim, tratar de cultura é como desvelar uma prática assumida por um grupo e que, gradativamente, torna-se regra a ser seguida por todos os indivíduos pertencentes a uma sociedade (Chartier, 2002).

Pelo exposto pode-se considerar que o léxico representa uma forma de estabelecer uma unidade, delimitar ligações e características de uma sociedade, pois conhecer a língua e descrever suas diversas denominações resultam em uma forma de apropriação de conhecimento, não somente sobre o funcionamento da língua, como também sobre o comportamento histórico, social e cultural dos seus falantes.

5 Considerações finais

Pela análise realizada, depreende-se, entre outros aspectos, que as unidades léxicas utilizadas para denominar “as pessoas que têm a pele pouco escura porque só a mãe ou só o pai é negro”, oriundas do repertório lexical dos falantes sul-mato-

grossenses, além de nomearem o tipo humano descrito pela pergunta, traduzem representações sociais e, conseqüentemente, traços de apropriação cultural.

O registro da forma lexical *moreno claro*, com 10,93% de ocorrências, por exemplo, indica que o uso de uma unidade léxica, considerado amenizador (*moreno*) é reforçado por outro (*claro*), com maior carga suavizadora. Assim como as formas lexicais *negro*, *pardo*, *crioulo*, *misto*, *tostado*, configuram-se como denominações que, se por um lado tendem a explicitar a forma de pensar dos informantes, por outro, podem camuflar e disfarçar traços da real miscigenação existente na sociedade brasileira.

Em linhas gerais, as unidades léxicas mencionadas pelos sul-mato-grossenses para denominar “as pessoas que têm a pele pouco escura porque só a mãe ou só o pai é negro”, cartografadas pelo ALMS demonstrou aspectos da relação existente entre fatores linguísticos e extralinguísticos, no âmbito do léxico veiculado por falantes sul-mato-grossenses, validando, desta forma, o argumento de que a língua, no âmbito de uma comunidade, constitui ferramenta dinâmica da cultura local e que a norma linguística, particularmente a lexical, expressa aspectos significativos, relacionados aos valores veiculados pela sociedade.

Referências

AULETE, C. **Aulete digital** – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Lexikon Editora Digital, Rio de Janeiro, 2006.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, Bertrand, 1989.

CARUSO, P. Metodologia da Pesquisa Dialeológica. In: AGUILERA, V. de A. (org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Editora da Uel. 2013. p. 373-374. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/livros-digitaisgratuitos.php>. Acesso em: 24 jul. 2022.

CASADO VELARDE, M. **Língua e cultura**. Madri: Synthesis, 1991.

CASTRO, V. S. O “r caipira” em Mato Grosso do Sul—estudo baseado em dados do ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul. **Estudos Linguísticos** (São Paulo, 1978), v. 42, n. 1, p. 566-575, 2013.

CHARTIER, R. *et al.* **A história cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002, v. 1.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

DURANTI, A. **Antropología lingüística**. Madri. Ediciones AKAL, 2000.

FIGUEIREDO, C. de. **Pequeno dicionário da língua portuguesa**. Livraria Bertrand, 1987.

GOMES, H. T. Identidade Cultural, mestiçagem, Colonialidade: uma leitura comparatista. **Revista Brasileira do Caribe**, Goiânia. v. 9. n. 17, p. 117-148, 2008.

HOUAISS A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, versão 1.0, Rio de Janeiro. Editora Objetiva. 2009.

ISQUERDO, A. N. **O fato linguístico como recorte da realidade sociocultural**. 1996. 420f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara/SP, 1996.

LOPES, N. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo. Selo Negro Edições, 2004.

MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista usp**, n. 28, p. 56-63, 1996. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63>

NOGUEIRA, A. X.; ISQUERDO, A. N. Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul: gênese e trajetória. AGUILERA, V. de A. (org.). **A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005, p. 238-239.

OLIVEIRA, D. P. de. **Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS)**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007.

POEL, F. V. D. **Dicionário da Religiosidade Popular: cultura e religião no Brasil**, Curitiba, Nossa Cultura, 2013.

SANTOS, J. T. dos. De pardos disfarçados a brancos pouco claros: classificações raciais no Brasil dos séculos XVIII-XIX. **Afro-Ásia**, n. 32, p. 115-137, 2005. DOI <https://doi.org/10.9771/aa.v0i32.21089>

SAPIR, E. **Linguística como ciência**: ensaios. Livraria Acadêmica, 1961.

SCHUCMAN, L. V.; FACHIM, F. L. A cor de Amanda: identificações familiares, mestiçagem e classificações raciais brasileiras. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 16, n. 3, p. 182-205, 2017.

SOUZA, G. S. Linguística Histórica/Antropologia Linguística: discursos interdisciplinares. *In*: IV Congresso Internacional da Abralín. 2005. Brasília. **Anais**. Brasília: Universidade de Brasília. 2005. p. 999-1010. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2013/02/anaiscongresso05.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

VIÑAO, A. A história das disciplinas escolares. **Revista brasileira de história da educação**, Maringá. v. 8, n. 3 [18], p. 173-215, 2008.

Artigo recebido em: 08.02.2023

Artigo aprovado em: 25.08.2023